

# APAMVET DIVULGA

*Os fatos e os nossos interesses às vezes são paradoxais: com frequência ficamos estarecidos com as notícias alarmantes que a moderna civilização esta extinguindo inúmeras espécies de animais de nossa magnífica fauna; mas em contrapartida com igual frequência encontramos ainda notícias sobre a descoberta de novas espécies de animais - até então desconhecidas apesar de viverem nos nossos sistemas ecológicos há milhares de anos. Hoje o Jornal da USP apresenta a descrição de uma nova Família de peixes na Amazônia. Assim sendo recomendamos que nossos visitantes leiam essa interessante reportagem do Jornal da USP sobre a criação de mais uma família de peixes da Amazônia..*

*Mas, frequentemente nos rendemos ao fascínio de nossos hobbies e deslumbrados, apresentamos inúmeras informações sobre pescarias e peixes: novas espécies, características de criação ou manejo de manutenção preventiva de cardumes e ou aquários e in formações sobre enfermidades e as terapias recomendadas. Sempre vislumbrando a possibilidade da atuação dos Veterinários neste setor de produção animal. Pois, os estudantes de Veterinária pouco se dedicam a essa área que representa um bom campo de atuação profissional.*

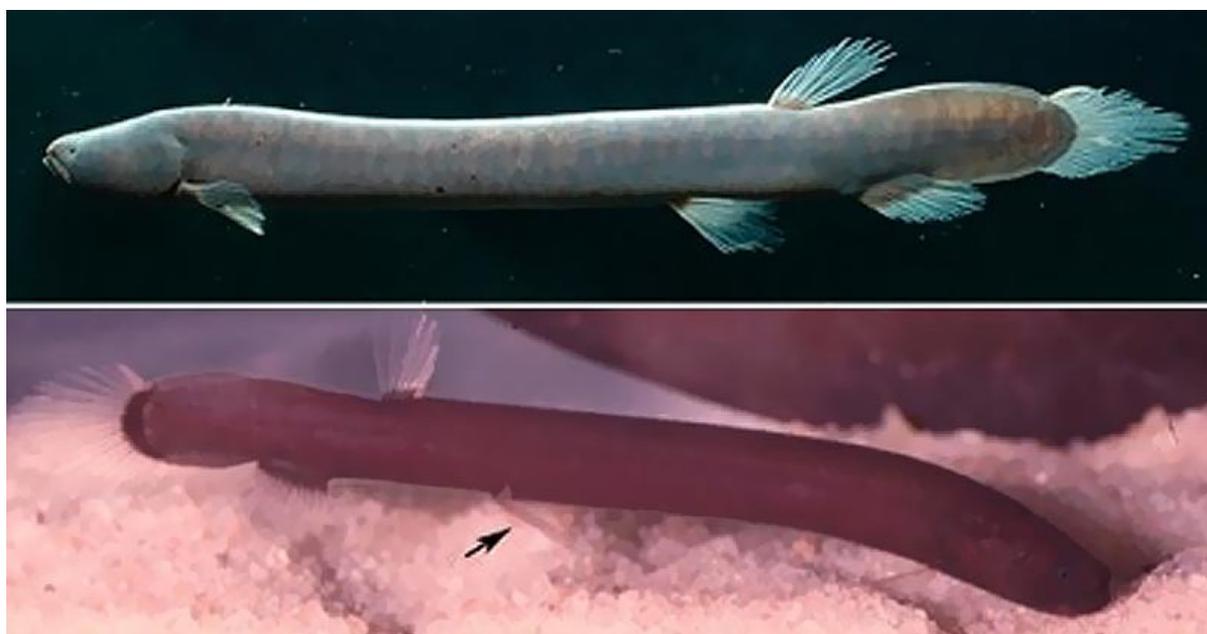
*Assim, num sequencial serão apresentados os seguintes temas: 1º - a descrição de uma nova família de peixes da Amazônia; 2º - o peixe denominado genericamente de Cascudo, após se transformar numa praga que eliminou outros cardumes – transforma-se numa pesca comercial, pois produz uma carne saborosa; 3º - como se pode dar segurança a um peixe recém pescado com o uso do “alicate Pega Peixe”. Estudo realizado com a participação de dois Veterinários. Demonstrando que os peixes podem ser retirados da água e manuseados com tranquilidade e segurança.*

## NOVA FAMÍLIA DE PEIXES AMAZÔNICOS É DESCOBERTA

*Já se completavam 40 anos desde que a última família desconhecida de peixes sul-americanos fora encontrada.*

**Redação: Ciências Biológicas -16/02/2018**

**Peter Moon / Agência Fapesp**



*A Tarumania parece uma enguia e vive submersa em poços de folhas – Foto: Divulgação via Agência Fapesp*

Um peixe fino e comprido, com um corpo que lembra vagamente o de uma enguia, porém mais curto, como se estivesse sem a parte traseira. Acrescente dois pares de nadadeiras ventrais, uma nadadeira dorsal e uma cauda delicada e transparente, como aquela dos peixinhos de aquário. Agora, reduza essa imagem fazendo-a caber na palma da sua mão.

O peixe em questão tem cerca de 10 centímetros. Seu nome é *Tarumania*, e sua aparência em nada lembra as piranhas ou lambaris, parentes seus que habitam os rios das bacias hidrográficas sul-americanas. Ele só foi visto por um punhado de

ictiólogos brasileiros, os biólogos que estudam peixes. *Tarumania walkerae* é a única espécie de uma nova família que acaba de ser descrita. Isso mesmo, uma nova família de peixes, *Tarumaniidae*.

Espécies novas de peixes amazônicos são descritas todos os meses, por vezes duas ou três. Um novo gênero surge algumas vezes ao ano. Mas a descrição de uma nova família inteira de peixes é algo surpreendente e muito menos frequente.

Apenas cinco novas famílias de peixes foram descobertas nos últimos 50 anos. Dessas, apenas uma é da América do Sul (*Scoloplacidae*, descrita em 1976). A descrição de *Tarumaniidae* é, portanto, a primeira de uma família de peixes sul-americanos em mais de 40 anos.

*“Por que levou tanto tempo para ele ser descoberto? Há biólogos coletando naquela região há muito tempo”*, disse o ictiólogo **Mario Cesar Cardoso de Pinna**, professor titular do Museu de Zoologia (MZ) da USP. Nos idos de 1850, o naturalista britânico **Alfred Russell Wallace** (1823-1913) já havia coletado peixes no rio Negro.

**Mario Cesar Cardoso de Pinna** explica que a *Tarumania* vive enterrada, às vezes a metros de profundidade, em lodaçais preenchidos com a folhagem que cai das árvores e vai se acumulando e apodrecendo.

*“Ele vive escondido. A espécie nunca foi coletada com rede, pela razão óbvia de que não habita as águas abertas do rio, mas passa a sua vida inteiramente submersa nos poços de folhas, e fundo, 1 a 2 metros abaixo da superfície, podendo na época da cheia estar coberta por 6 a 7 metros de coluna d’água”*, disse, o especialista **Mario Cesar Cardoso de Pinna**. Explicou, ainda, o pesquisador *“esses poços, às vezes muito profundos, preenchem as margens do igarapé Tarumã-Mirim, um pequeno curso intermitente que, quando não está seco, desagua no rio Tarumã, um afluente da margem esquerda do rio Negro, distante poucos quilômetros de Manaus”*.

**Mario Cesar Cardoso de Pinna** e seus colegas do **Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa)**, **Jansen Zuanon** e **Lucia Py-Daniel**, são autores da descrição da nova família

*Tarumaniidae*, que pertence à ordem dos *caraciformes*, um grupo com mais de duas mil espécies, como piranhas, pirabas, pacus, lambaris e traíras, e distribuído entre a América do Sul e a África.

A pesquisa, com resultados publicados no *Zoological Journal of the Linnean Society*, tem apoio da **Fapesp**.

### Exemplares coletados:



*Tarumania walkerae*: espécie nunca foi coletada com rede pois vive escondida submersa nos poços de folhas, e fundo, 1 a 2 metros abaixo da superfície – Foto: Acervo da pesquisadora ictióloga Lucia Rapp / via Inpa

O primeiro exemplar de *Tarumania*, um indivíduo jovem, foi coletado em 1999 no igarapé **Tarumã-Mirim** pela bióloga suíça **Ilse Walker**, pesquisadora do **Inpa** desde 1976. Ela doou o exemplar à coleção de peixes do instituto em 1999.

**Ilse Walker** não se recordava com exatidão em quais condições aquele peixinho havia sido coletado. O exemplar era obviamente diferente de tudo o que os ictiólogos do **Inpa** conheciam, mas faltavam elementos para descrever a espécie. Para tanto, era necessário um indivíduo adulto.

O mistério sobre o local onde se encontrariam outros espécimes durou até 2006, quando finalmente descobriu-se onde o peixinho se escondia. **Jansen Zuanon** coletou um exemplar adulto em uma piscina cheia de folhas nas margens do Tarumã-Mirim. Era o período da seca na Amazônia e a poça se encontrava

no meio da mata, a centenas de metros do igarapé – durante a época da cheia, toda aquela área permanece inundada.

“*Tarumania* é uma descoberta rara e muito instigante. Trata-se de uma espécie extraordinária, sob diversos sentidos. O ambiente em que vive, por exemplo, é inusitado”, disse **Mario Cesar Cardoso de Pinna**.

O peixe vive em um ambiente de água intersticial, coberto por metros e metros de folhas e material em decomposição. Na cheia, esse tapete encharcado tem muitos metros de profundidade. Na seca, a água é absorvida pelo subsolo ou então evapora, de modo que a porção encharcada onde vive o peixe, acaba reduzida a uns 2 metros.

Diversas outras coletas foram feitas em 2010 e 2016. Por que levou tanto tempo para descrever a nova espécie e a nova família *Tarumaniidae*? “Para propor uma família nova, você precisa demonstrar que ela é filogeneticamente equivalente a outros grupos de peixes”, disse **Mario Cesar Cardoso de Pinna**.

Segundo o professor, foi preciso fazer uma nova filogenia dos caraciformes, um empreendimento trabalhoso e demorado, pois significou reestudar dezenas de espécies, comparando a sua morfologia com a dos *tarumanídeos*. Só assim se puderam identificar quais são as semelhanças que eles guardam com os restantes dos caraciformes, bem como distinguir quais são as suas características próprias, aquelas que não dividem com nenhum outro grupo, e que justificam a nomeação de uma nova família. “Encontramos o lugar de *Tarumania* na ‘Árvore da Vida’. O peixe está claramente próximo das traíras”, disse **Mario Cesar Cardoso de Pinna**.

A descrição ora publicada foi baseada em filogenia morfológica. Um segundo trabalho, desta vez mergulhando na biologia molecular do grupo, está em preparação. “Os resultados preliminares sustentam a nova família”, disse **Mario Cesar Cardoso de Pinna**.

Agora que se sabe que *Tarumania walkerae* habita piscinas de folhas nas margens do **Tarumã**, tal ambiente passará a fazer parte dos locais de coletas dos ictiólogos que trabalham na Amazônia. Sim, porque piscinas de folhas encharcadas não são,

de forma alguma, exclusividade das margens do Tarumã. Elas existem por toda a Amazônia.

“É praticamente certo que a família dos tarumanídeos vai crescer. A descoberta de uma espécie tão distinta em um local de relativamente fácil acesso é uma indicação do quanto ainda temos a aprender sobre a diversidade de peixes no Brasil”, disse **Mario Cesar Cardoso de Pinna**.

O artigo “*A new family of Neotropical freshwater fishes from deep fossorial Amazonian habitat, with a reappraisal of morphological characiform phylogeny (Teleostei: Ostariophysii)*”, de **Mário de Pinna, Jansen Zuanon, Lucia Rapp Py-Daniel e Paulo Petry**, publicado no *Zoological Journal of the Linnean Society*, pode ser lido clicando aqui. ([control + clique = Leia aqui o texto original](#))



## Cascudo vira praga e solução para pesca comercial

Carne do peixe que devora cardumes de tilápias é considerada rica em nutrientes

É na cidade mexicana de Altamira que o popular cascudo passou a ser tratado como praga e também a única solução dada pelos agentes locais foi trata-lo com pescado de consumo.

O peixe ganhou apelido de “diabo” (*pez diablo*) já que é considerado “feio” e agora estaria dizimando cardumes de outras espécies de grande importância econômica para a região, como a tilápia e o black bass.

De acordo com o presidente da *Asociación de Comerciantes de Pescados y Mariscos de Altamira*, Alberto Marín Flores, pelo menos 2 mil famílias da região em questão vêm sendo afetadas pela escassez de peixes de melhor valor econômico. O cascudo teria sido introduzido de maneira acidental no Rio Tamésí e no Lago Champayán, dois importantes polos pesquei-



ros. Sem predadores, eles fazem a “limpa” dos demais cardumes. Um detalhe curioso é que no Brasil, o cascudo surge nos criadouros justamente para controlar o excesso de população da tilápia e de forrageiros como o lambari e o acará.

“Os pescadores fizeram um enorme investimento em redes e em outros equipamentos. Mas já houve caso em que numa recolhida de redes haviam cerca de 50 cascudos contra 10 tilápias”, aponta Flores.

A solução foi aproveitar a carne dos cascudos pescados e vendê-las por 25 pesos mexicanos (cerca de R\$ 5,60) o quilo para empresas processadoras de carne e até mesmo desenvolvedoras de suplementos. O cascudo seria rico em aminoácidos ômega 3 e 6, muito indicados para dietas saudáveis e empregados com frequência no mundo fitness.

# FISGADAS

NOTÍCIAS E NOVIDADES DO MUNDO DA PESCA



## SEGURAR PEIXE COM BOGA GRIP É BENÉFICO, APONTA ESTUDO

### Radiografias analisadas por biólogo e dois veterinários chegam a importantes conclusões

O uso do boga grip ou da balança para segurar o peixe é benéfico, desde que o exemplar esteja preferencialmente na posição horizontal e apoiado com a mão. Peixes menores até podem ser segurados na posição vertical, mas há risco de lesões nos chamados tecidos moles da boca devido "ao excesso de pressão", seja do dedo, seja de algum aparelho. Este é o resultado de um estudo promovido pelo site *Wired2Fish*. A pesquisa foi feita com exemplares de black bass de diversos tamanhos durante pescarias feitas nos Estados Unidos. Participaram da pesquisa Steven Bardin, um dos principais biólogos e proprietário da Texas Pro Lake Management, e dois veterinários, Dr. Casey Locklear e Dr. Steven Mapel. Em resumo, o estudo prevê que:

- Peixes maiores requerem uma maior ênfase no manuseio, apoiando seu peso com as duas mãos.
- Aplicar muita pressão sobre as áreas dos tecidos moles pode causar danos. Muitos Estados norte-americanos determinam que qualquer ângulo que desvie 10% ou mais de vertical ou horizontal tem o potencial de danificar a mandíbula do peixe.
- Segurar peixe com boga grip ou com uma balança pendurada é benéfico.
- A recomendação de que é aceitável segurar o peixe horizontalmente com uma segunda mão, apoiando seu peso, ou completamente vertical, ainda é válida e apoiada pela pesquisa.
- Manter o peixe verticalmente com o peso colocado na mandíbula de forma exagerada não é aceitável.
- Os peixes feridos provavelmente nadarão e parecerão completamente normais.
- Os efeitos a longo prazo das lesões nos tecidos moles são atualmente desconhecidos.